

## FICÇÃO PÓS-COLONIAL RETRATA CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS

Salman Rushdie. V. S. Naipaul. J. M. Coetzee. Wole Soyinka. Ghita Metha. Mia Couto. Arundhati Roy. A ficção desses e de muitos outros escritores tem sido chamada de pós-colonial. Como todos os rótulos, o pós-colonial não deixa de ser uma generalização que corre o risco de desconsiderar as especificidades das obras e de seus autores. “A literatura pós-colonial difere, consideravelmente, conforme o país e a cultura em que se manifesta. Mas não há dúvidas de que há traços em comum a partir mesmo do fato de existir o eixo dominador/dominado (ou colonizador/colonizado, eu/outro), típico da condição colonial e pós-colonial”, explica Anna Beatriz da Silveira Paula, pesquisadora do Grupo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O termo pós-colonial se refere, de modo geral, ao processo de descolonização que marcou, mesmo que de formas muito diferentes, tanto os países colonizados como aqueles que foram os colonizadores. Ou seja, o termo quer enfatizar que a colonização nunca foi um fato “externo” às metrópoles imperiais, estando inscrita nas suas próprias culturas – assim como as culturas imperiais também se inscreveram nas culturas dos colonizados. Pensar nessa ambivalência posta pelo encontro colonial implica, assim, em deslocar

uma série de noções como centro/periferia, nós/eles, dentro/fora, rompendo com essas oposições binárias para pensar as relações sociais de modo mais complexo, múltiplo e transversal.

Boa parte da chamada literatura pós-colonial foi produzida pelo chamados *migrant writers*, autores que imigraram para antigas metrópoles (como Londres e Paris), seja por opção profissional, seja por exílio político. Autores como Salman Rushdie, Monica Ali e Zadie Smith passaram a problematizar, em sua literatura, sua condição de subalterno, a partir dessa experiência de viver no espaço do antigo colonizador: os dilemas da integração dos imigrantes aparecem em muitas dessas produções literárias.

Outro elemento trabalhado por diversos escritores é a questão lingüística. “Seja polarizando o dialeto com o idioma do colonizador, seja demonstrando o conflito que ocorre quando o idioma integrador da nação é o do colonizador”, lembra Anna Beatriz. Além desse conflito lingüístico, em diversas ex-colônias, denunciar as atrocidades cometidas durante o colonialismo permitiu que as minorias políticas adquirissem condições de luta. Nesse contexto é que as mulheres ganharam relevância, por exemplo, na literatura indiana contemporânea.

**RESISTÊNCIA SILENCIOSA** Língua e gênero são dois elementos importantes na obra da escritora indiana Arundhati Roy, que se tornou conhecida mundialmente com seu romance *O deus das pequenas coisas* (1997). A narrativa se passa no estado de Kerala – onde fica Calicute, cidade a partir da qual Vasco da Gama descobriu “as Índias”. Partindo das contradições que caracterizam a história desse lugar, o romance faz uma série de alusões à fragmentação da própria Índia, seja no que diz respeito ao seu sistema de castas, seja em relação ao modo como uma Índia rica e cosmopolita se mescla com uma Índia miserável e provinciana. Enfim, a pluralidade que caracteriza a Índia contemporânea.

Roy prioriza o universo familiar e adota uma perspectiva mais subjetiva e intimista para problematizar a condição da mulher em seus aspectos mais simbólicos: a forma como o preconceito e a exclusão social, característicos da situação pós-colonial, manifestam-se também através da tradição cultural indiana (para a

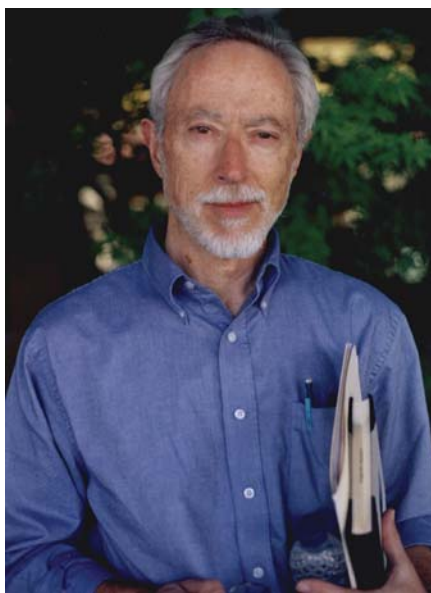
### PORTAL LITERAFRO

Iniciativa do projeto Afrodescendências da UFMG, o portal *Literafro* reúne dados biográficos, comentários críticos e bibliografia sobre cerca de 100 escritores afro-brasileiros e pode ser acessado através do endereço <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>

qual a mulher é inferior ao homem) e nas relações intercastas; e o modo como as mulheres indianas lidam com tudo isso. “Em vez de sustentar a condição da dupla colonização a que as mulheres indianas (e de outras culturas) estão submetidas, Arundathi Roy demonstra como o feminino tem uma semiose que lhe é própria na cultura daquele país, sustentando-se no silêncio” afirma Paula. Em sua tese de doutorado, intitulada “Margens silenciosas: a escritura da mulher na literatura indiana contemporânea”, a pesquisadora trabalhou com essa dupla referência: às mulheres indianas silenciadas pelo colonialismo; e à inscrição silenciosa dessas mesmas mulheres em sua cultura. Uma resistência silenciosa.

Brasil pós-colonial? Mas, afinal, qual seria o alcance do termo pós-colonial? Faria sentido aplicá-lo à nossa literatura? “O que falta é uma teorização do nosso pós-colonial para que o rótulo de literatura pós-colonial possa ser atribuído a diversas produções brasileiras. A questão que nos fica é até que ponto isso seria, efetivamente, válido para nós”, adverte Anna Beatriz Paula.

Intelectuais portugueses como o sociólogo Boaventura de Souza Santos e o antropólogo Miguel Vale de Almeida têm se debruçado sobre as diferenças da experiência pós-colonial dos países do norte e os do sul e, mais do que isso, dos países que foram colonizados por Portugal. O projeto colonial português tem sido comumente representado como um colonialismo cordial, baseado na miscigenação e que, por isso não seria racista. Esses



Fotos: divulgação

#### Nomes como J.M.Coetzee e Salmon Rushdie formam a geração de *migrants writers*

seriam, supostamente, os aspectos característicos da experiência colonial dos países de língua portuguesa. Para esses autores, a tarefa pós-colonial é complexificar essas representações. Nesse sentido, a miscigenação deve ser pensada, necessariamente, em relação à escravidão, à violência embutida nas relações entre senhores e escravos e às suas conseqüências nas desigualdades sociais, raciais e de gênero que perduram ainda hoje no Brasil.

Se não se fala, aqui, numa literatura pós-colonial, se fala em literatura negra ou afro-brasileira. “Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre impedimentos à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro”, lembra Eduardo de Assis Duarte, professor da Faculdade de Letras da UFMG.

Duarte é coordenador do projeto “Afro-descendências: raça/etnia na cultura brasileira”. Sua intenção é divulgar e estimular estudos sobre a produção literária de escritores negros, já que essa literatura carece tanto de uma história como de um *corpus* consolidado que esbarra, muitas vezes, na resistência do próprio campo acadêmico em reconhecer uma literatura que se postula como negra. Em artigo publicado no portal *Literafro*, Duarte diz que essa resistência tem o argumento de que arte e literatura “não tem sexo, nem cor”. Para ele, a arte concebida sem adjetivos é baseada a idéia de essência do belo, que seria pretensamente universal: o cânone literário hegemônico é masculino, branco, ocidental e cristão e, por isso, deixa de reconhecer ou valorizar obras que não se encaixem nele. Por isso é que ele deve ser revisto e questionado a partir de outras identidades.

*Carolina Cantarino*